



DOSSIÊ

**“Can I Be Me?”**

A estrela Whitney, uma história de sucessos marcada por opressões

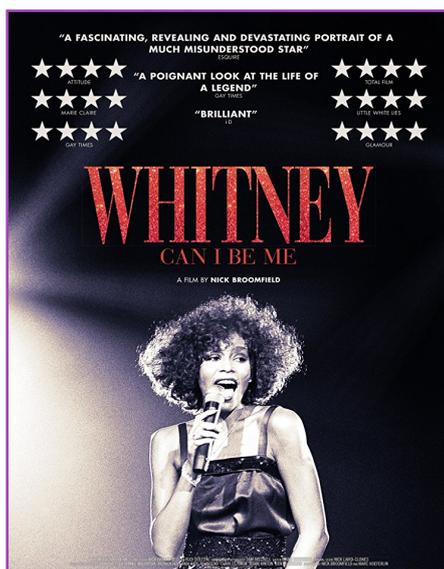
Jaqueline Gil BRITO, *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia*

O objetivo principal deste trabalho é, a partir do documentário *Can I Be Me?*, sobre a trajetória de vida de Whitney Houston, analisar, sob a luz dos estudos feministas realizados principalmente por mulheres negras lesbianas, como as opressões racistas sustentadas em uma base heteropatriarcal contribuíram para a sua morte. Um dos objetivos específicos é analisar como o sistema heteropatriarcal foi determinante na maneira como Whitney, mulher negra lesbiana e artista de múltiplos talentos, conduziu sua relação lesboafetiva com Robyn Crawford, sua amiga desde adolescência, companheira e também sua diretora de criação. Ademais, analisou-se ainda a maneira como sua carreira artística foi conduzida pelo seu diretor Clive Davis. Essas análises foram feitas considerando algumas falas diretas e indiretas, presentes no documentário *Can I Be Me?*, de Cissy Houston, sua mãe, Robyn, sua companheira e Bobby Brown, seu esposo, além de algumas pessoas que trabalharam para ela e que de alguma forma faziam parte do seu cotidiano. Os resultados dessa análise indicam que as opressões, principalmente as relacionadas à raça e à sexualidade, pelas quais Whitney sofreu ao longo da sua vida, foram determinantes para sua imersão profunda e desenfreada no mundo das drogas e sua consequente decadência e morte prematura.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Lesbianidade. Feminismo. Heteropatriarcado. Opressão.



Introdução



O filme documentário *Can I be Me?*, dirigido e roteirizado por Nick Broomfield no ano de 2017, é fruto de uma cinebiografia não autorizada que retrata os bastidores da vida de Whitney Houston, mulher negra lesbiana reconhecida por seus múltiplos talentos como cantora, compositora, produtora cinematográfica, atriz, modelo e empresária, cujas opressões foram determinantes na forma como conduziu sua vida pessoal e profissional.

Quando criança, Whitney já frequentava a igreja batista de que sua mãe fazia parte. Desde aquela época, sua mãe já se mostrava

uma mulher religiosa, muito conservadora e não aceitava a relação lesboafetiva que sua filha mantinha com Robyn Crawford. Robyn, amiga de infância dos irmãos de Whitney, tornou-se grande amiga de Whitney, sua assistente pessoal, além de ter se tornado seu amor durante aproximadamente duas décadas. Whitney, diante de um contexto de cobranças e especulações quanto à sua orientação sexual, acabou contraindo matrimônio com o cantor Bobby Brown e, alguns anos mais tarde, rompeu sua relação amorosa com Robyn, dando início, assim, a sua decadência vertiginosa.

Mesmo o nascimento da sua filha, Bobbi Kristina, não foi suficiente para preencher o vazio e a tristeza que se notava em Whitney. Assim, haja vista todas as dores não curadas com o tempo, o consumo de drogas foi intensificado, resultando na sua morte prematura.

O documentário em questão foi alvo de elogios por parte da crítica internacional e, na contramão disso tudo, foi explicitamente desaprovado pela família de Whitney. Na obra, são apresentadas entrevistas de arquivo de seus familiares próximos, gravações raras com conversas de bastidores, trechos de entrevistas concedidas por Whitney, além de diversas imagens de apresentações em turnês pelo mundo. O lançamento ocorreu mundialmente no dia 16 de junho de 2017. Como o próprio diretor Nick Broomfield fez questão de afirmar, em uma entrevista concedida em 15 de agosto de 2017, “queríamos contar a história pelos olhos dela”. Satisfeito com o resultado final, afirma ter



conseguido fazer um documentário onde “o espírito de Whitney estava presente” (ROLLING STONES, 2017).

A produção de Nick Broomfield nos instiga a refletir sobre a verdadeira razão da morte de Whitney, indo além do senso comum em que impera a hipocrisia, o racismo, os preconceitos e estigmas que aparecem vinculados ao universo das drogas e ao fato de uma mulher se relacionar sexual e afetivamente com outra mulher na sociedade conservadora estadunidense, em uma época marcada por movimentos feministas e por lutas pelos direitos civis. Nesse contexto, descortinam-se a vida e a trajetória artística de Whitney, uma artista que recebeu influências musicais de sua mãe e cantora Cissy Houston, de suas primas Dionne Warwick e Dee Warwick, bem como de sua madrinha musical, Aretha Franklin.

Seu início na cena musical se deu através do coral gospel júnior da Igreja de New Jersey, aos 11 anos de idade, e cantando na companhia de sua mãe em casas noturnas em New York. Nessas andanças musicais, foi descoberta pelo empresário Clive Davis em 1983, parceria que perdurou por muito tempo, resultando na gravação de seis álbuns de estúdio e três de trilha sonora, todos certificados com diamante e multiplatina, platina e ouro pela Recording Industry Association of America. Vários foram os *singles* de sucesso, como *I Will Always Love You*, trilha do filme *O Guarda-Costas* (2012), o que serviu para abrir caminhos na cena musical para outras artistas, particularmente negras. Mulher de múltiplos talentos, além de modelo quando jovem, foi cantora, compositora, produtora, empresária e se enveredou como atriz no mundo da sétima arte - seu primeiro papel, como protagonista, ocorreu no filme supramencionado, responsável por popularizá-la mundo afora.

Whitney viveu intensamente, teve uma vida efêmera marcada por muitas opressões, muito trabalho, êxitos, dores e uso frequente de drogas desde a sua adolescência, por influência de seus irmãos. Nasceu em Newark, New Jersey, em 9 de agosto de 1963 e morreu em 11 de fevereiro de 2012, na Califórnia. Pela autópsia amplamente divulgada pela mídia local e internacional, relacionaram a causa da sua morte ao afogamento na banheira do Hotel Beverly Hills, em que esteve hospedada, em consequência de overdose de cocaína. Na ocasião da sua morte, não lhe faltaram julgamentos. Nesse sentido, Nick Broomfield declarou em entrevista ter feito um filme sobre julgamento, pois, para ele, ela foi impiedosamente julgada pelo vício com as drogas. Então, sob



a luz dos estudos feministas, busca-se entender como as opressões racistas e lesbofóbicas, lastreadas em um heteropatriarcado, foram determinantes no modo como foi conduzida a sua carreira artística e foram preponderantes para a sua desestabilização emocional, contribuindo para a sua morte prematura.

Justificativa

A temática sobre sexualidades ganha força academicamente a partir da década de 1980 no Brasil graças às teorizações de Michel Foucault (LOURO, 2008). No entanto, apesar de ser perceptível um crescente interesse sobre o tema, fica claro que este campo carece de trabalhos acadêmicos e afins que abordem especificamente sobre as mulheres lésbicas, suas angústias, desafios, alegrias, dores e amores.

Existe uma robusta bibliografia abordando questões da identidade gay branca e, mais recentemente, das trans-identidades. Essa escassa visibilidade das lésbicas é algo que contribui para um cenário de mais estigmas e violências. Basta uma busca rápida pelos principais sites e repositórios sobre o assunto e/ou uma procura rápida pelas principais livrarias, feiras de livros, inclusive em congressos especializados em gênero e sexualidade, para comprovar o deserto de trabalhos em torno das lésbicidades. Nessa direção, a escolha do documentário sobre a vida de Whitney Houston para essa análise se deu também por um viés de visibilização, pois o ato de visibilizar se torna uma estratégia importante no enfrentamento aos estigmas e, ao mesmo tempo, de resistência, pois, enquanto houver relações de poder, haverá sempre resistências (FOUCAULT, 2005).

Diante de um contexto da heteronormatividade, em que a imposição da norma da heterossexualidade marca as demais orientações sexuais como inferiores, para uma mulher negra e lésbica, julgada como um ser inferior, por não se encaixar nessa norma, e vulnerável a todo tipo de violências, os caminhos a seguir como forma de sobrevivência podem se dar pelo esconder-se no “armário” - o termo armário pode ser usado não somente como uma estrutura sinônima de opressão, mas também um dispositivo de regulação da vida de lésbicas e gays (SEDGWICK, 2007) - e manter-se invisibilizada e/ou adiando a vivência e expressão de sua sexualidade. Nesse sentido, o casamento de Whitney com Bobby aconteceu como uma possibilidade real para ela de



manter-se no “armário” e, assim, romper com os rumores sobre sua relação lesboafetiva com Robyn.

Os medos e inseguranças no que diz respeito à vivência e à expressão das sexualidades dissidentes ainda estão presentes na contemporaneidade. Em pleno século XXI, esse tema está cercado de tabus, preconceitos e opressões. No mundo patriarcal, os valores religiosos e morais definem a visão do que é humano e o amor e o sexo entre mulheres representam ameaça de perda de poder por quem domina (NAVARRO-SWAIN, 2004). Nessa direção, Clarke (1998) chama a atenção para o culto feito pelos patriarcas do par homem-mulher como algo natural, pensado na manutenção da heterossexualidade, da mesma forma como o culto da superioridade caucasiana foi usado para justificar a escravidão dos povos de África.

Uma coisa interessante a ser observada nisso tudo é o fato de que um dos elementos nucleares do patriarcado se lastreia exatamente no controle da sexualidade feminina, a fim de assegurar a fidelidade da esposa a seu marido (SAFFIOTI, 2015). Dessa forma, o homem consegue assegurar seu domínio sobre as mulheres. Para Rich (2010), a heterossexualidade compulsória, instituição política a serviço da soberania masculina, toma o poder das mulheres e as convence de que o casamento e a heterossexualidade são inevitáveis.

Ao longo da história, a invisibilização, a discriminação e o apagamento das mulheres lésbicas têm sido uma prática recorrente. Assim, as mulheres lésbicas negras não escapam à regra e se tornam partes silenciadas de uma política do esquecimento (NAVARRO-SWAIN, 2004). Para Saunders (2017, p. 107), “o apagamento da lésbica é central para a opressão das mulheres heterossexuais; um processo que reforça a heterossexualidade é uma instituição política que desacredita as mulheres”.

Sendo assim, o documentário *Can I Be Me?*, ao revelar a vida privada e pública de Whitney (lembrando que viver fora da norma imposta representa ameaça constante na vida de uma mulher lésbica), mostra-se um terreno fértil para revelar como o contexto do heteropatriarcado, exposto através de práticas racistas e lesbofóbicas, estava presente na base de praticamente todas as opressões vividas pela artista e como essas opressões foram determinantes para sua decadência. Então, a partir deste trabalho, propõe-se um novo olhar que passa pelo triplo viés das categorias mulher, raça e sexualidade, que se



interseccionam e se potencializam, marcando a história de vida, o declínio e a morte prematura de Whitney, mulher negra e lesbiana.

Metodologia

Foi feita uma análise do documentário *Can I Be Me?* sob a luz do pensamento feminista de mulheres negras e lesbianas, como Audre Lorde e Cheryl Clarke, considerando-o sob uma perspectiva reflexiva (ALVESSOM, SKÖLDBERG, 2009) que se caracteriza pela interpretação e reflexão das falas das pessoas entrevistadas. Para isso, foram transcritas as falas de algumas pessoas importantes no convívio com Whitney, presentes na obra citada, associando-as principalmente às opressões mais marcantes consideradas como práticas racistas e lesbofóbicas. De acordo com Alvessom e Sköldberg (2009), a interpretação livre e teoria neutra dos fatos, em princípio, não existem. Os dados e os fatos são construções ou resultados de interpretações e o processo de pesquisa constitui uma reconstrução da realidade social.

A partir da percepção dos sentimentos, experiências e vivências observadas a partir da transcrição das falas das pessoas entrevistadas no documentário *Can I Be Me?* (2017), relacionadas principalmente à questão da relação lesboafetiva entre Whitney e Robbyn e do racismo enfrentado por ela na sociedade racista estadunidense, coletaram-se alguns dados empíricos que foram posteriormente analisados.

Discussão

Sob a ótica do heteropatriarcado, é preciso controlar e vigiar as mulheres para que, na rede de poderes entre dominadores e dominadas, se possibilite a perpetuação do sistema. Ao longo da história, em particular nos EUA, ser lesbiana, em uma cultura racista e misógina, é um ato de resistência em que a mulher lesbiana se rebela contra seu opressor, o homem (CLARKE, 1988).

Nesse contexto, as mulheres negras lesbianas, apesar da desvalorização e invisibilização a que são submetidas, desafiam a ordem do heteropatriarcado com a sua própria existência. Com Whitney, isso fica muito evidente, pois mesmo não se sentindo à vontade para viver publicamente seu amor por Robyn, manteve com esta uma relação estável e duradoura.



O controle da sexualidade da mulher é exercido por uma incansável vigilância. Isso fica evidente na fala a seguir de Kenneth Reynolds, diretor de marketing da Arista Records:

Já ouvia boatos sobre a sexualidade dela, quando viajávamos, Robyn, sua diretora de criação, ia conosco. Às vezes, era preciso passar por Robyn para chegar até Whitney. É preciso entender que os caras que estavam fazendo a divulgação, programadores musicais, diretores são 99.99% heterossexuais e 99.99% são homofóbicos e há boatos de que esta mulher não é heterossexual. Os homens hétero deitam e rolam e a primeira coisa que eles dizem é: e se ela não precisar de mim? (WHITNEY..., 2017)

Na fala de Tony Anderson, chefe de propaganda da Arista Records, é visível, através dos questionamentos sobre a sexualidade de Whitney, feitos diretamente e sem rodeios, que a invasão da sua vida privada foi se intensificando proporcionalmente ao crescimento de sua fama:

Após o segundo disco, as pessoas não sabiam nada sobre a intimidade de Whitney e começaram a querer saber com quem ela saía, com quem ela se divertia. Em vários programas ao vivo de TV, ela era questionada se tinha alguém. Ela reconhecia que gostava de cantar e de se apresentar, mas que tinha coisas ali que não gostava e que não achava justo. Tudo começou a ficar muito intenso em termos de perguntas e as pessoas ligavam das rádios ou de conversas com produtores e diziam: Ei cara, Whitney é lesbiana? Whitney é gay? Eu não sei. Bom, ouvi falar... sabe? E isso estava por todo lado. (WHITNEY..., 2017)

Nesse sentido, Alisson Samuel, amiga e escritora, deixa claro que, para além da pressão externa, havia também um questionamento interno em relação à sexualidade de Whitney:

Desde o início da carreira, Robyn estava com ela e de repente havia pessoas dizendo a ela o que fazer. A mãe dela foi contra. Clive Davis foi contra. Porque não era legal ter uma relação lesbiana. Sempre acho que se ela fosse artista hoje, ela não teria problema. Seria tudo lindo e ela ainda estaria aqui. Mas, na época, foi uma enorme ênfase em ser a garota perfeita. Virou um conflito interessante. Uma família envolvida em drogas e, mesmo assim, o foco era a homossexualidade. Quando teria sido melhor tentar lidar com as drogas do que teria sido com isso. Mas, de novo, essa religião poderosa que Cissy tinha era importante para ela. As pessoas e a igreja estavam falando. Ela era presbítera, membro do conselho da igreja e tinha uma filha homossexual. E nunca se fala em homossexualidade feminina na comunidade negra. Não



ouço falar, ninguém ouve homens negros e mulheres, não até hoje. (WHITNEY..., 2017)

O final dessa fala é revelador, no sentido de indicar que as relações homoafetivas entre mulheres e entre homens, dentro da comunidade negra, ocorre de maneira problemática. De acordo com Clarke (1988, p. 3),

A lésbica negra, como qualquer outra pessoa de cor nos Estados Unidos, experimenta a sujeição do racismo institucional e pode sofrer igualmente o sexismo homofóbico de sua própria comunidade - especificamente a comunidade “política” negra.

Diante de tantas pressões e opressões, torna-se perfeitamente compreensível o seu silêncio acerca da sua lesbianidade, ao não falar sobre seu relacionamento lesboafetivo de aproximadamente duas décadas com Robyn. Nesses silêncios, estão contidos os medos da censura, do julgamento, do desprezo, do aniquilamento. Em outras palavras, está presente o temor de uma visibilidade sem a qual não se pode viver verdadeiramente (LORDE, 2009).

As pessoas que faziam parte da vida de Whitney sabiam do relacionamento entre ela e Robyn, reconheciam a potência deste relacionamento e o que este representava para elas. De certa forma, era uma espécie de segredo aberto para as pessoas do seu convívio diário. Com o passar dos anos, Robyn tornou-se seu porto seguro – trabalhava para Whitney de forma ativa e intensa; apoiava-a em tudo, mas, quanto ao consumo de drogas de sua companheira, não dava apoio. Isso pode ser evidenciado nas falas de Kevin Ammons, amigo e segurança de Whitney:

Robyn e Whitney eram como almas gêmeas. Eram inseparáveis. E todos aqui sabiam do poder que Robyn tinha. Whitney e Robyn tinham uma ligação e Bobby nunca conseguiu tirar Robyn do relacionamento. E esta era parte da frustração dele, porque ele queria que Whitney o amasse como o homem da relação. Ele queria que Whitney tirasse Robyn da relação deles e ela não queria fazer isso, porque Robyn gostava de Whitney mais do que ela gostava de qualquer um. (WHITNEY..., 2017)

Por quase duas décadas, Whitney resistiu às pressões quanto à sua relação lesboafetiva com Robyn, chegando até mesmo a compartilhar um apartamento com sua companheira. Contudo, em um dado momento, acaba cedendo a tantas cobranças e pressões e a forma



encontrada foi casar-se com Bobby. Só depois de alguns anos de casamento, Robyn deixa de fazer parte de sua vida. Allison Samuel, amiga e escritora, chama a atenção sobre como foi nefasta a saída de Robyn da vida de Whitney:

Robyn sumiu da vida de Whitney completamente. Devem ter pagado para ela. Eu nunca mais a vi. E antes ela não desgrudava de Whitney. Eles impediram. Acho que ficou entendido que elas não podiam manter contato. Tinha de ser Bobby, Whitney e esse núcleo familiar. Sempre direi que essa foi a ruína de Whitney. Robyn é quem a mantinha equilibrada. Por isso, as drogas se tornaram importantes para ela. Eram a muleta que ela usava para enfrentar tudo. As drogas faziam ela decair. (WHITNEY..., 2017)

Outra questão muito marcante no documentário diz respeito ao racismo enfrentado por Whitney. Não se pode deixar de destacar o quanto o racismo, o sexismo e a lesbofobia estão intimamente relacionados (LORDE, 2009). Naquela época, entre as décadas de 1960 e 1970, os EUA eram marcados pelo *apartheid* racial e, por esta razão, foram palco de lutas históricas pelos direitos civis, pelo fim das violências sofridas pela população negra, além daquelas travadas pelo movimento feminista.

Na sociedade estadunidense ou em qualquer outra sociedade marcada pelo heteropatriarcado, a condição da mulher está sempre limitada e situada em um contexto de opressões e violências diversas. Superar as violências desse sistema, que está permanentemente em transformação (SAFFIOTI, 2015), representa grandes desafios. Para uma mulher negra e lesbiana, esses desafios se interseccionalizam e se tornam mais severos. De acordo com Lorde (2009, p. 6),

Qualquer ataque contra pessoas Negras é uma questão lésbica e gay porque eu e centenas de outras mulheres Negras somos partes da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão Negra, porque centenas de lésbicas e homens gays são Negros. Não há hierarquias de opressão.

Segundo a própria Whitney afirmou, pelo fato de haver nascido em Newark, ela sabia o que era ser negra e sabia também como era ver a comunidade negra, de que fazia parte, não receber os mesmos direitos que os outros. Nessa época, ser uma mulher negra e homossexual e se firmar como artista reconhecida nacionalmente representavam desafios quase impossíveis de vencer. Assim, não bastava ser super talentosa para



conseguir entrar em um mercado musical predominantemente machista, feito por homens e dominados por eles. Segundo Pattie Howard,

A voz de Whitney quebrou barreiras. Nós não tínhamos Beyoncé. Qualquer artista que está no topo das paradas deve isso a ela. Isso certamente não aconteceria antes dela. Então ela mudou a história para nós e ela pagou por isso. Whitney nasceu em Newark, New Jersey e ela era do gueto. Queriam apresentá-la como princesa. É quem os EUA brancos apresentavam. Não era a Whitney de Newark, New Jersey. (WHITNEY..., 2017)

No mesmo sentido, Tony Anderson, chefe de propaganda da Arista Records, ao ser perguntado sobre como “vendeu” Whitney para os brancos estadunidenses, disse:

Deixando o passado para trás e não focando nisso. E foi o que fizemos. Isso parece insignificante, pequeno, mas não é. Este é um país muito racial e o racismo, principalmente relacionado a um negro artista... normalmente as pessoas estão procurando algo por trás. (WHITNEY..., 2017)

Durante vários momentos, no documentário, é perceptível que, para ser aceita, entre as décadas de 1980 e 1990, como artista de grande potencial, sendo uma mulher negra cantora e a mais ouvida e vendida naquele momento, Whitney teve que se submeter a outro tipo de opressão, se enquadrando em um formato de artista pop, deixando de lado suas raízes musicais negras. Isso se reflete através da fala Kenneth Reynolds, diretor de marketing da Arista Records:

Eu a conheci quando fui trabalhar na Arista Records em 1983. Ela era uma garota doce e muito insegura. Ela não era tão refinada. Ela era muito ingênua e insegura. Ela vivia preocupada se as pessoas iriam gostar dela, aceitá-la. Interessante porque a preocupação dela não era com o talento e sim com a aparência e como ela se apresentava. Clive Davis, presidente da Arista Records, era considerado um mestre da música. Ele tinha visão para artista pop. Ele tentou fazer isso com Diane e com Aretha. Mas elas já estavam estabelecidas e com muita identidade. Como Whitney era muito moldável, ela foi o veículo perfeito para a visão infalível dele. A empresa tinha uma imagem em mente, a de que iam criar um ícone pop. Uma artista que seria aceita pela massa, que atingiria os americanos brancos. (WHITNEY..., 2017)

Nesse sentido, a opressão é confirmada, novamente, na fala de Kenneth Reynolds:



A música dela era deliberadamente pop e tudo que soava negro demais era mandado de volta para o estúdio. E dizer que soava negro, caso você ache isso ruim é dizer que era George Clinton demais. Não queremos uma mulher James Brown. (WHITNEY..., 2017)

No momento da noite da premiação do seu primeiro álbum, Whitney foi vaiada pela comunidade negra. Ela agradeceu aos pais, aos irmãos e a Robyn e este foi seu álbum de estreia mais vendido. Contudo, mesmo com todo o sucesso que fez, para a comunidade negra, sua música não parecia algo natural, pensavam que Whitney havia sido vendida. Diante desse episódio, ela disse:

É horrível, mas é engraçado. Eles estão me vaiando? Tem que sentar, sorrir como se estivesse bem e dizer que às vezes é uma questão de não ser negra o bastante para eles. Não ser R&B o bastante. (WHITNEY..., 2017)

Diante desse episódio, Kirk Whalum, saxofonista, comentou:

Aquele momento em que ela foi vaiada foi devastador para ela, foi duro. Acho que ela nunca se recuperou disso. Ela acabou morrendo por causa de algumas coisas que aconteceram. E essa foi uma das grandes coisas. Whitney insistiu para que a levassem de volta para a música negra. *I'm your baby tonight* não foi um disco que Clive Davis queria. Mas ela disse que não faria outro disco do jeito dele e que, naquele momento, ela seria ela. Sempre se fazia esta pergunta: *Can I be me?* [Posso ser eu mesma?] Ela falava isso tanto que gravamos. E dizia que tinha ganhado tanto dinheiro, tinha feito tantas pessoas felizes, ela poderia ser ela? (WHITNEY..., 2017)

Como se pode observar, Whitney, em sua curta e intensa trajetória de vida, não suportou tanta opressão, rendeu-se às pressões de sua mãe, de seu diretor, de sua religião, das cobranças públicas da sociedade daquela época. Mesmo amando Robyn por tantos anos, separou-se dela, casou-se com Bobby, teve uma filha com ele e, dessa forma, acabou por apressurar seu fim.

Os pontos cruciais apresentados pelo documentário *Can I Be Me?* nos conduzem ao contexto opressivo em que Whitney estava inserida, no tocante a sua orientação sexual e ao estilo musical imposto a ela. Durante toda sua trajetória musical, a cantora mostrou-se insatisfeita quanto ao estilo musical imposto por Clive Davis. Ele a transformou em um ícone pop musical à venda em um mercado musical até então liderado por homens brancos, machistas, heterossexuais e racistas. Para uma mulher negra obter tamanho sucesso, teve que se



submeter aos padrões ditados naquela época. Destarte, o preço que teve que pagar foi muito alto. Separou-se da mulher que mais amava, Robyn, e acabou cedendo aos caprichos do seu diretor, distanciando-se da sua origem musical negra.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como proposta a análise do documentário *Can I Be Me?* (2017) sob a perspectiva dos estudos feministas, sobretudo os realizados por algumas feministas negras lesbianas que, por muito tempo, foram discriminadas e excluídas dos coletivos formados por gays e dos próprios movimentos feministas, que se recusavam a atentar para as especificidades e singularidades da categoria mulher. Durante décadas, a mulher foi vista como uma categoria universal e homogênea, o que se assentava em bases heterossexistas e racistas nas quais as mulheres lesbianas, as mulheres negras e as mulheres negras lesbianas não eram contempladas. Foi preciso, então, a coragem e a força revolucionária das mulheres lesbianas negras e das mulheres lesbianas, de modo geral, para questionar esses espaços, no intuito de mostrar que, para além da opressão histórica que atingia todas as mulheres, fruto de um heteropatriarcado ainda vigente nos dias atuais, existem as opressões de raça, sexualidade que devem ser analisadas sob uma perspectiva interseccional.

Nesse sentido, buscou-se analisar, através da transcrição das falas de algumas pessoas entrevistadas que faziam parte do cotidiano de Whitney, as opressões relacionadas à lesbianidade e à questão racial vividas por Whitney. Na base das opressões lesbofóbicas e racistas, encontra-se o heteropatriarcado, que contribuiu para essas opressões se transformarem em dores, desilusões e decepções vividas por Whitney durante grande parte da sua vida. Pode-se dizer ainda que não foram as drogas que a mataram, mas sim, as opressões de sua família religiosa e heteronormativa, as opressões de uma sociedade acentuadamente racista, machista e lesbofóbica estadunidense que, através de seu diretor Clive Davis, impôs uma Whitney que não existia. Na realidade, foi fabricada para agradar e para vender.



Referências

- ALVESSON, M.; SKÖLDBERG, K. *Reflexive methodology: New vistas for qualitative research*. Sage, 2009.
- CLARKE, C. Lesbianismo como ato de resistência. In: *Esta puente, mi espalda: Vozes de las mujeres terceiro-mundista en los Estados Unidos*. Trad. Cherríe Moraga e Ana Castillo. São Francisco-USA: ISM Press, 1988.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: graal, 2005.
- LORDE, A. *Herética Difusão lesbofeminista independente*. Textos escolhidos de Audre Lord: Não há hierarquias entre as opressões Oxfor: Oxford University Press, 2009.
- LOURO, G. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidades e teorias queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- NAVARRO-SWAIN, T. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades*. Natal, n. 4 v. 5, jan./jun 2010. , pp. 23-24.
- ROLLING STONES on-line. 134 ed. 2017. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/ela-foi-muito-julgada-diretor-documentario-whitney-houston/>>. Acesso em: 30 out. 2017.
- SAFFIOTI, H. *Gênero patriarcado violência*. 2 ed. São Paulo: Expressão popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SAUNDERS, T. L. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. *Periodicus* n. 7, v. 1, maio-out. 2017. p. 102-116.
- SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 28, jan./jun. 2007 p. 19-54,. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/o3.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2017.



WHITNEY: Can I Be Me. Direção de Nick Broomfield e Rudi Dolezal. Produção de Nick Broomfield e Marc Hoferlin. Reino Unido/EUA.:Showtime Networks , 2017. Tribeca Film Festival. (105 min.).



“Can I Be Me?” The Star Whitney, a history of successes marked by oppressions

ABSTRACT: The main objective of this work is, from the documentary "Can I Be Me"? who talks about Whitney Houston's life trajectory, analyzed in the light of feminist studies conducted primarily by lesbian black women, how racist oppression supported on a heteropatriarchal basis contributed to her death. As one of the specific objectives, to analyze how the heteropatriarchal system was determinant in the way Whitney, a black lesbian woman and multi-talented artist, led her lesbian relationship with Robyn Crawford, her friend since adolescence, companion and also her creative director. In addition, it was analyzed the way in which his artistic career was led by its director Clive Davis. These analyzes were made considering some direct and indirect speeches present in the documentary "Can I Be Me?" related to the statements of Cissy Houston, her mother, Robyn, her companion and Bobby Brown her husband. In addition, relevant speeches from some people who worked for her and who somehow were part of her daily life. The results of this analysis indicate that the oppressions mainly related to the race and the sexuality for which Whitney suffered throughout her life were determinant for her deep and uninterrupted immersion in the world of drugs and its consequent decay and premature death.

KEYWORDS: Racism. Lesbianity. Feminism. Heteropatriarchy. Oppression.

Jaqueline Gil BRITO

Graduada em letras pela UCSAL. Mestrado em Traducción, Comunicación y Cultura pela ULPGC-Espanha (2005). Especialização latu senso em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (2009). Mestrado em Administração pela Universidade Federal da Bahia (2014) apresentando dissertação sobre diversidade sexual nas organizações. Atualmente docente do Instituto Federal da Bahia.